

3

ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº3 | 1º semestre | 2007

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 3 | 1º Semestre | 2007

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Júlio Pinheiro

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESE/G

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: 1º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.esegpbg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Regionalização e Educação

Adriano Vasco Rodrigues

7

Reflexões sobre as fontes do Direito da Comunicação nos países ibéricos

Manuel Pinto Teixeira

19

O Ensino Superior (Politécnico) na Guarda

Carlos Berrucha

43

Comportamentos de Saúde versus Comportamentos de Risco em estudantes da Escola Superior de Educação da Guarda

Patrícia Batista & Henrique Pereira

55

A casa e a sociedade em Almeida no séc XIX, a acção e funções da mulher numa praça de guerra Beirã

Augusto Montinho Borges

65

Formação e evolução da Serra da Estrela

Joaquim Manuel Fernandes Brigas

83

A Religião na Manhã Submersa de Virgílio Ferreira

Julio Pinheiro

99

A Criação e a Autonomia dos Concelhos Medievais: a Guarda no contexto dessa Época

José Luis Lima Garcia

117

Dois Mundos | Dois Destinos - A tradição musical das beiras na obra de Fernandes Lopes-Graça

Helena Santana & Rosário Santana

133

O Jogo da Bola ou dos Paus no distrito da Guarda: sua história, características e interesse em projectos de Animação

M. Cameira Serra & Nuno Serra

155

A imprensa local | rural

Santos Vaz

171

Publicações

177

O Jogo da Bola, dos Pinos ou dos Paus no distrito da Guarda: sua história, características e interesse em projectos de Animação

M. Cameira Serra & Nuno Serra

1 - Introdução

Jogo da bola, jogo dos pinos e jogo dos paus são designações usadas em Portugal para nomear o mesmo tronco comum de uma prática lúdica de lançamento em precisão que, no entanto, apresenta inúmeras variações. De igual modo, em Espanha, de uma única classe de práticas lúdicas, conhecida por *juego de bolas*, derivam muitas versões, existentes em quase todas as províncias, algumas delas portadoras de curiosas particularidades. A maior diferença que, neste domínio, se verifica entre os dois países reside no grau de preocupação com a conservação e reanimação destas práticas lúdicas no país vizinho, onde são consideradas “desportos autóctones” em muitas províncias e regiões. Pelo contrário, entre nós, estes antigos exercícios lúdicos têm sido tratadas com o desprezo que, salvo raras excepções, é consagrado ao conjunto das tradições culturais. Deste modo, enquanto no país vizinho estes jogos fazem parte de competições regulares realizadas a nível regional, entre nós têm sido apenas objecto de referência nalgumas monografias locais, sendo muito esporadicamente demonstrados em ocasiões festivas.

Verificam-se nítidas semelhanças entre estes jogos de lançamento de bolas de madeira em direcção a pinos, que constituem o objecto deste artigo, conhecidos em França por *jogo dos paus* (*jeu de quilles*), e aqueles cujos objectivos consistem em aproximar entre si bolas lançadas ao solo, a que os franceses dão o nome de *jogo de bolas* (*jeux de boules*). Deste último ramo de práticas lúdicas distingue-se a *pétanque*, tão generalizada em todo o território nacional, que os nossos emigrantes foram trazendo de França desde os anos quarenta do século passado. A finalidade deste jogo, e de outra versão praticada no Sul de França, a *hyonnaise*, consiste em aproximar bolas metálicas de uma pequena esfera de madeira, o *cochonnet* (porquinho).

A investigação sobre a terminologia dos jogos de lançamento em direcção

a pinos pode ajudar-nos a perceber as suas possíveis relações com antigos ritos de fertilidade. Com efeito, os actos de espetar paus afiados na terra e de derrubar pinos de forma nitidamente fálica poderia, por mera atitude mimética, representar o acto sexual. Veja-se a este respeito que *quilbar*, ainda hoje significa “pregar partidas a”, mas também “ter coito, ter cópula carnal com”¹. Este ângulo de análise permite-nos perceber o papel ritual que os jogos de lançamento de bolas a pinos desempenharam em épocas recuadas, embora com a passagem dos anos este aspecto se tivesse desvanecido ou desaparecido totalmente². O próprio jogo da *malha*, em cuja prática são utilizados projecteis de ferro, de forma circular, muitas vezes com um orifício médio, e os jogos das *ferraduras* e das *argolas*, poderão ter sido nos seus primórdios ritos de fecundidade, representando os respectivos materiais do jogo os órgãos sexuais femininos e masculinos. Efectivamente, em todas estas modalidades de lançamento em precisão, o objectivo fundamental é o contacto ou aproximação de objectos circulares, dotados duma reentrância ou orifício médio, com um pino de madeira ou ferro. O formato fálico deste alvo e as suas designações – *meco*, *pirilau*, *pindelarico*, *belho* ou *frade* – não deixam dúvidas quanto à finalidade ritual do jogo. Este aspecto talvez possa explicar o motivo pelo qual o *jogo da bola* ou *dos paus* parece ter sido, ao longo dos séculos, uma actividade reservada apenas aos homens, se exceptuarmos algumas versões adoptadas pelas crianças³.

Entre nós, o jogo da *laranjinha* ou *carambola* foi um exercício semelhante, habitual em diversas regiões portuguesas na primeira metade do século passado. Com efeito, este jogo praticou-se junto a muitas tabernas da Beira Baixa, Minho, Ribatejo e zona de Lisboa⁴. Lopes Ribeiro, em 1974, afirma que o jogo “...dispunha de recintos próprios nas traseiras de algumas tabernas, principalmente em Lisboa

1 - *Ibidem.*, Vol. 2, p. 677.

2 - Ver, entre outros, U. Simn, “A função religiosa e mágica dos jogos de bola nas várias culturas”, pp. 7-18.

3 - Com efeito, não se conhecem em Portugal versões deste jogo praticadas regularmente por mulheres, que, no entanto, aparecem em Espanha, embora em número muito reduzido. Cfr. M. Conesa, “Rito de paso en Ribagorza: las «Birlas», juego practicado por mujeres”.

4 - Cfr: Silva e M. Morais, *Jogos Tradicionais Portugueses*, pp. 129-144; A. Soares et al., *Jogos Tradicionais do Ribatejo*, p. 38; G. Índias, “Jogo, sociabilidade e Cultura: O ritual da Laranjinha em Lisboa”, pp. 281-303.

e arredores mas [a sua prática] está em vias de desaparecer⁵. Curiosamente, apesar da expressão nacional que alcançou a *laranjinha*, outrora praticada junto às tabernas de muitas aldeias, é em Lisboa que se encontra o seu último reduto, dado continuar a praticar-se apenas nalgumas colectividades recreativas de bairro⁶.

Verifica-se grande similitude entre o *jogo da bola* ou *dos paus* e diversas práticas lúdicas cuja finalidade é atingir, com canas ou varas, alvos colocados na vertical⁷ ou mesmo espetar e derrubar paus ou ferros afilados⁸. Estas semelhanças dificultam o estabelecimento rigoroso de uma genealogia que estabeleça as ligações entre famílias de exercícios lúdicos com tantas afinidades.

As variantes locais e regionais do *jogo da bola* foram muito praticadas em todas as regiões portuguesas, no continente e ilhas, deixando inúmeros vestígios na toponímia de ruas e largos de aldeias. Porém, entraram em declínio acentuado há meio século, com a proliferação da televisão, a generalização dos desportos e a alteração de hábitos e valores culturais e sociais, tal como sucedeu, com raríssimas excepções, aos restantes jogos tradicionais. Com efeito, não conhecemos nenhuma das antigas versões do *jogo da bola* que ainda seja praticada com regularidade, conquanto algumas delas sejam objecto de reanimação temporária apenas em dias festivos.

O distrito da Guarda, especialmente as regiões raianas e circundantes da serra da Estrela, pode considerar-se um dos mais ricos neste património lúdico,

5 - A. Lopes Ribeiro, tradutor de R. Alleau, *Dicionário dos jogos*, p. 63. Além da *laranjinha*, existiram outros jogos de lançamento de bolas. Cfr. C. Serra et al., *A pelota e os jogos de bola à parede*, pp. 170-175.

6 - G. Índias, *op. cit.*, pp. 281-303.

7 - Referimo-nos ao *calro*, ao *grade* e ao *jogo das três caninhas*, modalidades curiosas, outrora praticadas nos distritos de Guarda, Coimbra e Santarém, respectivamente, que tivemos oportunidade de descrever noutra local. Vd. M. Serra, *Os Jogos Tradicionais em Portugal. As relações entre as práticas lúdicas e as relações agrícolas e pastoris*, pp. 655-689. No jogo flamengo do *pauscheten*, são atirados paus longos, em forma de clava, tentando introduzi-los por baixo de três estacas, cravadas no solo a alguma distância entre si e unidas no topo. Segundo demonstração por R. Renson e H. Smulders, no II Seminário Europeu de Jogos populares e Desportos Tradicionais, Lamego, 1982. Cfr. J. Jespers et al., *Sport+*, pp. 5-6.

8 - No entanto, devido à perigosidade que lhes estava inerente, a maioria destas práticas lúdicas há muito entrou em desuso. São conhecidas em Portugal, como noutros países, muitas versões de jogos que consistem em espetar no solo, e por vezes projectar, com batimento, estacas e ferros afilados, como o *espeto*, *espínche*, *roça*, *prego*, *ferruncho* ... Cfr. M. Serra, *Os Jogos Tradicionais em Portugal. As relações ... op. cit.*, Vol. II, pp. 683-687.

que devia estar devidamente documentado e representado nos museus da região. O extenso e variado acervo cultural constituído pelos jogos de lançamento de bolas pode considerar-se uma fonte inesgotável, onde poderão beber os professores de educação física e os animadores. Efectivamente, estes agentes encontrarão nas versões do *jogo da bola* matéria privilegiada para as suas actividades pedagógicas ou de intervenção sociocomunitária.

O propósito deste texto prende-se essencialmente com a descrição e análise, feitas de modo sucinto, das variações do *jogo da bola* ou *dos paus* que se praticaram ou ainda se vão realizando em Portugal, com destaque para as que foram populares no distrito da Guarda.

2 - Um pouco de História

Consideramos empresa demasiado arriscada a tentativa de situar no tempo, de um modo peremptório, a origem de práticas lúdicas tão simples como o *jogo da bola*⁹, que alguns autores, baseados em vestígios arqueológicos, fazem recuar aos tempos pré-históricos¹⁰. Com efeito, o lançamento de objectos arredondados – pinhas verdes, cocos, outros frutos ou pedras roladas – em direcção a paus ou pedras colocados na vertical ou espetados no solo pode constituir um exercício com idade mais recuada do que alguns achados arqueológicos fazem supor¹¹.

Existem referências históricas da prática do *jogo da bola* nos antigos mosteiros rurais da Alemanha, nos séculos II e IV da nossa era¹². Esta prática parece ter constituído um ritual religioso, com características premonitórias. Consistia no lançamento de uma pedra ou bola a um pau colocado na vertical, significando este o mal ou o diabo. Se um crente acertava com a bola no alvo, “recebia elogios do clérigo por levar uma boa vida”, mas, se falhava, o pároco aconselhava-o a repensar

9 - Na esteira de H. Tremaud, *Les français jouent avec quilles*, 1964.

10 - Nalguns casos ao antigo Egipto, 5000 anos a.C., baseando-se nos achados do egiptólogo inglês Flinders Petrie, em 1895. Cfr. R. Casady e M. Liba, *Bolicho* e O. Camerino e M. Castañer, *Jocs i esports populars al Pallars*.

11 - Cfr. H. Tremaud, *op. cit.*, e C. Palos, *Juegos y deportes tradicionales en España*, *op. cit.*, p. 74.

12 - Cfr. H. Tremaud, *op. cit.*; R. Casady e M. Liba, *op. cit.*; Silva e Morais, *op. cit.*

o seu comportamento¹³.

Durante a Idade Média, foram surgindo diferentes modalidades de lançamento da bola a paus, as quais, à medida que ganhavam popularidade, iam sendo adoptadas e divulgadas na Europa, sobretudo pelo clero e nobreza.

Embora em Portugal as alusões ao *jogo da bola* tenham surgido tardiamente, apenas no séc. XVI, em Espanha e França, as primeiras referências históricas ao *juego de bolos* e ao *jeu de quilles* datam do séc. XI e XII, respectivamente¹⁴. O *jeu des grandes boules* foi uma prática tão habitual em França que Carlos V o proibiu, em 1369. O objectivo do jogo era colocar as bolas o mais próximo possível de uma estaca cravada no solo, sem no entanto caírem num fosso transversal, o *noyon*¹⁵. Dadas as suas características, podemos considerar esta prática lúdica como uma forma híbrida entre os jogos do tipo *pétanque*, como a *laranjinha* ou *carambola*, tão praticada em Portugal, a que já nos referimos, e o *jogo da bola*.

No séc. XVI, o *jogo da bola* era realizado em Portugal com tanto entusiasmo pelos populares que estes se esqueciam dos seus deveres profissionais. Este levou el-Rei D. Manuel, através de alvará de 1521, a proibir “que se jogasse a bola aos domingos e dias santos antes da missa do dia”¹⁶. Porém, a paixão pelo jogo era tão grande que essa proibição régia se tornou extensiva aos dias de semana, dirigida não apenas aos populares, mas também aos clérigos¹⁷. Efectivamente, no final do séc. XVI, o Bispo de Coimbra, D. Afonso Castelo Branco, reprovava nas Constituições de 1591 que eclesiásticos e seculares se juntassem nas ruas e lugares públicos para jogar e ver jogar a “*bola* ou *mancaes*”¹⁸. Também Viterbo refere que, no séc. XVI, se dava o nome de *mancais* ao pau ferrado ao qual se atirava a bola. E acrescenta o

13 - R. Casady e M. Líba, *op. cit.*, p. 7.

14 - C. Palos, *op. cit.*, p. 79, e R. Alleau, *op. cit.*, p. 128. Todavía, H. Tremaud, *op. cit.*, p. 23, defende que o jogo foi referenciado apenas no séc. XIV.

15 - R. Alleau, *op. cit.*, p. 60.

16 - J. A. de Figueiredo, “Synopse chronologica”, 1, p. 301, apud F. Almeida, *História de Portugal*, III, p. 292.

17 - F. Almeida, *ibid.*

18 - F. Almeida, *id.*, *ibid.*, Tomo V, p. 182. Nome pelo qual era conhecido o *jogo dos paus* no séc. XVI, chamando-se *mancais* os paus que deviam ser derrubados pela bola, atribuindo-se a mesma designação aos paus ferrados usados no jogo do *fito*. Cfr. *Lello Univesal*, Vol. II, p. 149. No séc XVIII esta prática já se denominava *jogo dos paus*. Segundo Frei J. Viterbo também se denominava *jogo de mangual*. No *Filucidario ...*, Vol. II, p. 382, o autor refere o seguinte texto da História do Preste João: “Da porta de huma á berma da outra será um jogo”.

seguinte:

*“Em muitas constituições antigas e capitulos de visita, se proibiu aos eclesiásticos jogar aos mancaes pela indecência e dissipação de semelhante jogo. Em uma visita de Ferreira d’Aves de 1567, se proíbe que nenhum sacerdote daquela vila ou seu termo: vá a bodas, nem bautismos, nem joguem mancais no dia, que houver Missas de Saimentos”*¹⁹.

Ainda no séc. XVI, o poeta Sá de Miranda referiu-se deste modo gracioso aos trejeitos que faziam os jogadores após o lançamento da bola aos pinos:

*“Que não leva o jogador
Mais páos por mais se torcer
Se lança a bola peor”*²⁰.

Mesmo durante a peste grande de 1569, apesar do elevado número de mortos provocados pela epidemia, o *jogo da bola* não desapareceu. A este respeito, reza assim um manuscrito da época:

*“Corria-se por toda a cidade, e muitas vezes não se topava em toda ella cinco pessoas vivas e sãs, e alguns se se topavam, era da cor de finado, e alguns marãos se serviam a jogar a bola na Rua Nova”*²¹.

O costume do *jogo da bola* parece ter-se estabelecido nas antigas possessões portuguesas. Camões, na Satyra do Torneio, refere que em Goa se usava muito o “jogo dos páos e da bola”²², existindo também documentação histórica referente à prática do *jogo da bola* pelas tropas portuguesas no Norte de África, na praça de Mazagão, nos séc. XVI e XVII²³.

No século XVIII, apesar de proibições de diversa sorte, este jogo tradicional

19 - Frei J. Viterbo, *Elucidário...*, Vol. II, p. 381.

20 - Carta, no “Memorial do Marquez de Montebello”, p. 249; apud T. Braga, *O Povo Português...*, Vol. I, p. 264.

21 - R. Guimarães, “Summario de Vazia Hitónia”, in T. Braga, *op. cit.*, Vol. I, pp. 264-265.

22 - L. Camões, “Satyra do Torneio”, cit. por T. Braga, *op. cit.*, p. 268. Segundo este autor, o jogo esteve muito em voga em Portugal no século XVIII, sendo conhecido pelo nome *de toque emboque*. *Id. ibid.*

23 - A. Amaral, “Subsidios para a História do Desporto Português nos Lugares de África”, pp. 11-15.

continuou a estar muito em voga em Fornos de Algodres, como escreve Monteiro Cruz:

“O jogo da bola estava tanto na moda (...) que até os padres o jogavam, «em véstea e sem ela» o que lhes foi estranhado e proibido pelo Visitador de Fornos [de Algodres], permitindo-lhes, contudo, «que o jogassem uns com os outros sem mistura com seculares».

O mesmo visitador proibiu que esse jogo se «armasse aonde chamam o sítio do Espírito Santo»”²⁴.

Jorge Crespo salienta que, na primeira metade do séc. XIX, as autoridades policiais, apesar de proibirem terminantemente alguns jogos de sorte ou azar (ronda, dados e banca) atribuíam licenças a algumas casas de jogo para aí terem lugar outras práticas lúdicas. Este grupo de jogos, de que faziam parte o bilhar, o gamão, o chinquillo, a laranjinha e a bola, apesar de envolverem frequentes apostas, eram exercícios corporais realizados no exterior, cujo desfecho dependia em grande parte da destreza e do engenho dos praticantes²⁵.

Até aos finais do século XIX, o jogo da bola constituiu uma prática habitual na cidade de Lisboa, começando, no entanto, a entrar em desuso, a fazer fé na seguinte notícia, de 1899, inserida nas páginas do jornal “O Século”:

“Realisa-se brevemente no «Sporting de Cascaes», um torneio de Bola, jogo genuinamente português e muito interessante, conquanto esteja hoje um pouco fora de moda.

Os premios oferecidos por uma comissão, são disputados por quatro partidos”²⁶.

Actualmente, este jogo realiza-se de modo esporádico, geralmente no dia da festa ou durante a demonstração das tradições locais, nalgumas aldeias onde há meio século se praticou com regularidade.

24 - Mons. P. Marques, *Terras de Algodres (Concelho de Fornos)*, pp. 178-179.

25 - J. Crespo, *A História do Carpo*, pp. 396-397. Curiosamente, o jogo da bola foi o único que, de 1821 a 1830, viu aumentar o valor do respectivo imposto.

26 - *O Século*, 11/10/1899, p. 3.

3 - O jogo da bola no distrito da Guarda: características e variantes

Como já referimos, o *jogo da bola* ou *dos paus*, apresenta muitas versões, que variam de localidade para localidade e de região para região, sobretudo quanto:

- à forma, tamanho e material dos projecteis utilizados;
- ao número de pinos e sua estrutura;
- à técnica de lançamento.

Além dos jogos de lançamento de bolas de madeira, são conhecidos e ainda se vão praticando outros, em diversos países europeus, cujos projecteis são objectos cilíndricos, semi-esféricos ou ovóides, de madeira, pedra ou metal, procurando derrubar um ou mais pinos. A título de exemplo poderemos citar os *skittles*²⁷, da Irlanda do Norte, o *pok*, da Bretanha²⁸, o *despiste quilles*, da região francesa do Béarn²⁹, a *calva*, da região castelhano-leonesa³⁰ e os *bilros grandes*, da Ilha Terceira (Açores)³¹. Na *boule de fort*, jogada em França³², o projectil utilizado é uma bola alongada, com um dos pólos côncavo, ao passo que, numa das variantes do *juego de bolos*³³ da região leonesa é lançada aos pinos uma meia bola de madeira.

No nordeste de Portugal, no distrito de Bragança, ainda é muito popular o *jogo dos paus*, que não cabe aqui descrever³⁴. Tal como sucede nalgumas das versões praticadas em Espanha e na Irlanda, os lançamentos são efectuados em força,

27 - A. Steven, *Skittles, as played in Ireland*, p. 2, e ainda *Constitution, Rules and History*.

28 - Cfr. *Jeux de pallets*, Rennes: Ed. Musée de Bretagne.

29 - *Jeux traditionnels, Règlement des Jeux Béarnais*.

30 - F. Martín, *Juegos y deportes autóctonos*, pp. 64-65.

31 - Cfr. L. Drumond, *Jogos Populares. Estudo do Folklore Terceirense*, pp. 64-66. Em S. Miguel era jogado de modo idêntico o *jogo dos bilros*. Cfr. Luís Bernardo Lente de Ataide, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Vol. I, pp. 259-265.

32 - C. Aveline, *Le code des jeux*, Hachette, Paris, 1961.

33 - Que vimos praticar há alguns anos, perto de León. Todavia, numa das versões, o *bolo palatino*, usam-se bolas esféricas. Vd. G. Melgar (Coord.), *Reglamentos de los Deportes Autóctonos de Castilla y León*, pp. 57-67.

34 - Acerca deste jogo podem ler-se: V. Roca, "O jogo dos paus em Carrazedo (Bragança)", *Boletim da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, p. 121; António Pombo, *Contributo de alguns jogos do Nordeste Transmontano*, p. 7; A. Cabral, *Jogos Populares Portugueses*, pp. 165-166; T. Sousa, *Actividades Iúdicis na Serra do Alishão*, ..., p. 123ss; J. Dias, *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoral*, p. 207ss. Versões semelhantes, realizadas em Espanha, em Castilha-Leão e Aragão podem ser consultadas em: C. Palos, *Juegos y deportes tradicionales en España*, pp. 72-192; C. Palos et al., *Aspectos recreativos de los juegos y deportes tradicionales en España*, pp. 53-74; G. Melgar (Coord.), *Reglamentos de los deportes autóctonos de Castilla y León*, pp. 57-96; *Los deportes autóctonos de Castilla y León*, pp. 25-86; L. Vicién, *Juegos Aragoneses. Historia y Tradiciones*, pp. 325-370; F. Martín, *Juegos y deportes autóctonos*, pp. 64-65; T. Garcia, *Para jugar como jugábamos*, pp. 254-255.

numa trajectória aérea, usando-se para o efeito projecteis de madeira em forma de pequeníssimo barril. Na zona flamenga da Bélgica, além do *kegelen*, jogo com projecteis esféricos, praticava-se o *gaaiabol*, no qual se usavam discos grossos de madeira, com o formato de queijos, lançados a um poste, e o *kerulbol*, no qual se rolavam discos espessos e biselados, em trajectória curvilínea³⁵.

A zona beiro-transmontana, mormente a área da Serra da Estrela e os concelhos de Bragança e Vinhais, Santa Marta de Penaguião e Vila Real parecem ter sido, em Portugal, um autêntico viveiro da prática de diversas variantes do *jogo da bola* ou *dos paus*. Estas variações referem-se ao número de pinos utilizados, características das bolas e ao próprio desenvolvimento das formas de jogar.

A descrição das inúmeras variações do jogo, que recolhemos no distrito da Guarda³⁶, merecia uma descrição mais pormenorizada. Contudo, as limitações temporais colocadas a este escrito impedem esse desenvolvimento, pelo que apresentaremos resumidamente, no quadro nº 1, as suas principais características.

35 - Cfr. *Sport + De Gangmaker*, pp. 5-6. A informação foi ainda prestada por R. Renson e H. Smulders, *Jogos tradicionais da Flandres*, comunicação apresentada no I Seminário Europeu de Jogos Tradicionais, IND/DGD, Lamego, 1982.

36 - Essa recolha baseou-se nas informações fornecidas pelas juntas de freguesia no âmbito do *Levantamento dos Jogos de Bola (ou Jogos dos Paus) no Distrito da Guarda*, realizado em 1984, pela DGD, sob nossa proposta e nos trabalhos de campo, na década de 90, efectuados na maioria dessas aldeias (M. Serra, *op. cit.*, Vol II). Confirmámos no sítio que estes jogos há muito tinham entrado em desuso, não conseguindo obter informações pormenorizadas acerca do desenvolvimento de muitas das suas variações locais. Nalguns casos, como no *jogo da bola*, de Vila Fernando (Guarda) e no *jogo dos paus*, de Sortelha (Sabugal), só foi possível recolher o nome das práticas.

Quadro nº 1
Variantes recolhidas no distrito da Guarda

Denominação	N.º de pinos	Localidade e concelho onde era praticado	Observações
<i>Jogo da bola</i>	18 (em 2 estruturas de 9 pinos, colocados em dois campos, a 20 ou 30 metros ³⁷).	Cortiçada (Aguar da Beira).	Foram usadas 2 bolas de ferro maciço, de tamanho pequeno (7cm de diâm.) centímetros de diâmetro, feitas pelo ferreiro da localidade. Todavia, nesta modalidade eram utilizadas duas estruturas com nove <i>paus</i> ou <i>pinocas</i> cada, afastadas uma da outra pelo menos trinta metros
<i>Jogo da bola ou dos paus</i>	11 (9 em roda, 1 maior, o "dez", no centro e o restante, "ponto" ou "ponteiro", a 15 ou 20m) ³⁸	Casal Vasco e Intias, Fornos de Algodres Gare, Mataça e Quinta das Fontageiras (Fornos de Algodres)	Jogava-se para dois campos, e/ adversários em cada um deles, de modo semelhante à malha.
<i>Jogo da bola</i>	11	Almeida	Jogou-se há 70 anos, junto ao picadeiro. Não se conhecem pormenores
<i>Jogo da bola</i>	10 (9 iguais, numa estrutura de 3x3, e 1 à frente, ao meio, mais alto)	Rapa (Celorico da Beira), Fernão Joanes (Guarda)	Na Rapa também é conhecido por <i>Síla</i> e, em Fernão Joanes, por <i>jogo dos chingulhos</i> , de Fernão Joanes. A bola é de tamanho grande (como a de futebol) ³⁹
<i>Jogo dos pinos</i>	10, de tamanho grande	Vila Boa do Mondego (Celorico da Beira)	9 pinos numa estrutura de 3x3 e mais um (mais alto) entre o do meio e o último da coluna média ⁴⁰
<i>Jogo dos pinos</i>	10, e/ 45cm (9 numa estrutura 3x3 e mais 1, o "vinte cinco", situado a 20 ou 25 m de distância)	Valdujo (Trancoso)	Jogava-se para dois campos, e/ adversários em cada um deles, de modo semelhante à malha.
<i>Jogo da bola</i>	10	Sexo Amarelo (Guarda)	Foi praticado no "lugar do jogo da bola" ⁴¹
<i>Jogo dos paus, dos pinos ou da bola⁴²</i>	9 (de madeira, e/ 30cm de altura) ⁴³	Iguerrô da Granja (Fornos de Algodres) ⁴⁴ ; Celorico da Beira, Casas de Soeiro, Lajeosa do Mondego, Prados e Vale da Ribeira (Celorico da Beira) e Nespereira (Gouveia)	Os pinos são "armados" numa estrutura de 3 linhas e 3 colunas (3x3) ⁴⁴
<i>Jogo da bola</i>	7	Baraçal (Sabugal)	6 pinos armados numa roda e/ 1,20 m de diâm. e 1 no centro. Bola pequena ⁴⁵ .
<i>Jogo da bola</i>	6 (5 no perímetro da roda e 1 no centro)	Fornos de Algodres	Já descrito em pormenor noutra local ⁴⁶
<i>Jogo do pino</i>	5	Cerdeira (Sabugal)	
<i>Jogo da bola</i>	2 bolas de madeira, com tamanho pequeno ou médio. No concelho de Gouveia usavam-se bolas de ferro ou "bolas" toscas, de raiz de torça	Arcozelo, Figueiro, Ireixo, Folgoso, Melo, Ribamondego, Rio Torto, Vila Corrés e Vila Franca e Vinhó (Gouveia); Assanhas, Carrapichama, Lanhares e Quintas (Celorico da Beira); Vila Ruiva (Fornos de Algodres);	Pinos distantes entre si 15 a 20m. Desenvolvimento com dinâmica e regras semelhantes aos do jogo da malha. Também era conhecido por: <i>malha com bola</i> , em Folgoso, e <i>jogo do touço</i> , em Vinhó (Gouveia); <i>jogo do charolo</i> em Fomalção (Guarda) e <i>jogo do pindelarico</i> , em Bendada (Sabugal) ⁴⁷

37 - Jogou-se uma modalidade idêntica em Lobrigos (Santa Marta de Penaguião).

38 - Em Medrões (S. Marta d Penaguião) no jogo dos bilros eram usados 16 pinos, dispostos em 4 linhas e 4 colunas. No *jogo do pin*, e m Arcas (Penedono), armavam-se 12 pinos em 4 linhas e três colunas e, na vila, foi

4 - O jogo da bola e as actividades de animação sociocultural

Qualquer das variações do *jogo da bola* exige aos praticantes grande concentração, coordenação visuo-motora e equilíbrio para que os lançamentos tenham êxito, derrubando o maior número de pinos. Em cada jogada os executantes devem efectuar a leitura das trajectórias e dos efeitos a imprimir à bola, manter o pulso firme, a mão certa e, também, utilizar uma boa técnica de execução. As acções motoras que o desenvolvimento destes jogos pressupõe respeitam não só ao conjunto de posturas e movimentos realizados, mas também à interacção estabelecida com o meio e os outros participantes. A execução de uma jogada é pois o resultado da leitura prévia da situação, da imagem da possível solução e das decisões que, no plano tático, se impõem.

Este tipo de práticas lúdicas apela à habilidade e ao engenho e propiciam o convívio e a comunicação entre os intervenientes, companheiros e adversários. Com efeito, os jogos de lançamento da bola são exercícios que decorrem sempre num ambiente lúdico e divertido, muito adequados, portanto, às actividades de animação sociocultural realizadas em diversos contextos. A utilização de espaços não regularizados - logradouro escolar, largo em terra batida, bosque ou jardim - acrescenta mais alguma imprevisibilidade à incerteza própria de todas as acções lúdicas e desportivas. Esta componente aleatória, tão enaltecida por Caillois e

popular o *jogo das gralhas*, com 11 pinos, com 9 numa estrutura 3x3, ficando os dois restantes aquém da 1ª linha, um antes do outro.

39 - Existem versões diferentes (*jogo dos bitros*), em Arrabães, Bisalhães, Campeã e Quinta (Vila Real) e Barreiro (Santa Marta de Penaguião). Cfr. M. Serra, *op. cit.*, pp. 603-606 e A. Eira, "O Jogo da bola em Quintã, freguesia do concelho de Vila Real", p. 549.

40 - O desenvolvimento deste jogo foi descrito noutra local. Cfr. M. Serra, *op. cit.*, Vol. II, pp. 598-600.

41 - Estes jogos encontram-se pormenorizadamente descritos em M. Serra, *ibidem*.

42 - Com 9 pinos, designados *vinhas*, era praticado em Vidual de Ceira e Souto do Brejo (Pampilhosa da Serra) o *jogo dos vinte ou da bola* e o *jogo da bola de pau*, localidades do concelho de Cantanhede: Aljuriça, Cadima, Lemedo, Pontes, Quintã e Taboira. Cfr. C. Lopes (Rec.), *Levantamento de Jogos Trad. do Distrito de Coimbra*. Numa rua de Lobrigos (S. Marta de Penaguião) prantou-se o jogo do *fito*, também com 7 pinos mas com bolas de ferro.

43 - Versão descrita, embora com pouco pormenor, por Mons. P. Marques, *op. cit.*, p. 178.

44 - Na Bretanha existem diversas versões do jogo com nove pinos (*jeu de quilles de neuf*). Cfr. F. Beaulieu e H. Ronné, *Les jeux des Bretons*, pp. 54-61.

45 - Com 7 pinos era também jogado em Castelo Novo (Fundão) o *jogo dos trinta*.

46 - Cfr. C. Serra e P. Veiga, *Alguns Jogos Tradicionais da Beira Interior*, pp. 11-12.

47 - Vd. Descrição em M. Serra, *op. cit.*, Vol. II, pp. 591-592.

Parlebas⁴⁸, constitui um dos grandes atractivos do jogo e destes exercícios lúdicos em particular.

Das variantes a que sucintamente aludimos, a maioria tem uma estrutura lúdica assimétrica, paradoxal, pois companheiros e adversários lançam em direcção aos mesmos pinos, procurando derrubá-los. Das poucas excepções, nas quais o jogo decorre alternadamente em direcção a dois pinos ou duas estruturas simétricas, distantes quinze a vinte metros entre si, salientamos o *jogo da bola* com dois pinos, que foi muito praticado nos concelhos de Gouveia, Celorico da Beira e Fornos de Algodres, Guarda e Sabugal⁴⁹.

O lançamento de duas ou quatro bolas de madeira a dois pinos (ou dois conjuntos) afastados entre si, como atrás explicámos, é bem diferente do jogo assimétrico. Efectivamente, atrás de cada pino ficam dois ou mais adversários que lançam alternadamente, procurando derrubar o pino contrário ou colocar a bola mais próximo dele (*ganhar o ponto*). Deste modo, no jogo com estrutura assimétrica a acção é realizada sem interferência, dado que as bolas jogadas e os pinos derrubados voltam à posição inicial após cada jogada individual. Ao invés, no jogo com estrutura simétrica, as bolas permanecem no solo até que todos joguem, sendo apenas levantados os pinos derrubados, havendo assim lugar para interferir nas jogadas anteriormente decorridas. Estas duas situações podem ser apreciadas no quadro seguinte:

Quadro nº 2
Estruturas dos jogos, segundo P. Parlebas⁵⁰

Estrutura assimétrica (todos lançam em direcção aos mesmos pinos)		Estrutura simétrica (2 ou mais adversários lançam em direcção a cada estrutura)	
Prática psicomotora	Não há interacção motora com companheiros e adversários	Prática sociomotora	Existe interacção motora com adversários (s) (competição)

48 - R. Caillois, *Os Jogos e os Homens...*; P. Parlebas, *Contribution à un lexique commenté en science de l'action motrice*.

49 - Esta versão também foi praticada na Póvoa de Varzim e na Ilha Terceira, como vimos atrás.

50 - P. Parlebas, *op. cit.*

A concretização de qualquer uma das variantes do *jogo da bola* decorre num ritmo pausado, que proporciona o diálogo, a troca de impressões e, muitas vezes, o chiste entre os intervenientes. Não obstante os lançamentos exigirem técnica apurada, esta actividade lúdica é sempre entendida de modo inclusivo, permitindo a participação de pessoas de diferentes capacidades, experiência e níveis etários.

No decorrer dos jogos há lugar para frequentes comparações com o nível dos outros participantes, mas não há razão para temer os inêxitos nem demonstrar satisfação exagerada pelos sucessos. Ao tomarem consciência da sua acção motora e das suas incorrecções, ao observarem os melhores jogadores, os mais fracos criam o seu próprio padrão de movimento e melhoram os cálculos óptico-motores⁵¹ e adequam o pensamento táctico (análise da situação seguida de acção motora adequada).

Apesar de existir competição, nestes jogos a actividade poderá ser tão gratificante no processo (desenvolvimento) como no produto (resultado).

A utilização destes jogos tradicionais em actividades de animação sociocultural, no âmbito comunitário ou turística, com intervenientes de um determinado escalão etário ou com idades variadas, será um êxito se o animador: 1 - assumir um papel democrático⁵²; 2 – preparar antecipadamente o espaço e o material; 3 – estabelecer um quadro competitivo entre os indivíduos ou grupos e prever os emparceiramentos adequados ao número de intervenientes, espaço, tempo e material disponíveis.

O material imprescindível para a concretização do *jogo da bola* pode constituir uma forte limitação, que o animador poderá no entanto ultrapassar, recorrendo à colaboração de um artesão local ou improvisando ele próprio esses objectos⁵³.

51 - Expressão utilizada por F. Mahlo, *L'acte tactique en jeu*, respeitante à avaliação da distância, da força aconselhável, da trajectória da bola...

52 - Segundo M. Larrazábal, "A figura e a formação do animador sociocultural", in J. Trilla (Coord.), *Animação Sociocultural: teoria, programas e âmbitos*, Lisboa: Instituto Piaget, 2004, p. 129, o animador democrático tem uma atitude colaborante e "estimula os membros do grupo ou da colectividade para que fixem os seus objectivos e tomem as decisões que lhes parecerem mais acertadas, esforçando-se por que todos participem, de maneira que a responsabilidade final seja partilhada por todos ou, pelo menos, pela maioria."

53 - Os pinos são facilmente substituídos por garrafas de plástico cheias de areia. De igual modo, a bola do jogo pode improvisar-se a partir de uma bola de borracha ou plástico, já danificada. Na superfície recorta-se uma pequena calote, que será reposta (colada) após o enchimento da bola com areia ou serradura.

Algumas das variantes do *jogo da bola*, cujas características e regras devem ser previamente conhecidas pelo animador, apresentam as características ideais para serem incluídas como actividades de animação em ATL, Campos de Férias, Centros de Dia e Lares de Idosos.

Eis aqui, portanto, um terreno fértil à espera de ser desbravado pelos animadores socioculturais.

Bibliografia

- Alleau, R., *Dicionário de Jogos*, Trad. de António Lopes Ribeiro, Porto: Editorial Inova, 1974.
- Amaral, A., “Subsídios para a História do Desporto Português nos Lugares de África”, in *Proceedings of the HISPA Congress*, Lisboa: IND, 1981.
- Almeida, I., *História de Portugal*, III, Coimbra: Ed. Autor, 1928.
- Braga, T. (1885), *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa: D. Quixote, Vol. I, 1994.
- Barreto, K., *Monografia do Concelho de Castanheira de Pera*, Ed. Câmara Municipal, 1989.
- Beaulieu, F. e Ronné, H., *Les jeux des Bretons*, Rennes : Éditions Quest-France, 2002.
- Caillois, R., *Os Jogos e os homens. A máscara e a vertigem*, Lisboa: Editorial Cotovia, 1990.
- Cabral, A., *Jogos Populares Portugueses*, Porto: Domingos Barreira, 1986.
- Camerino, O. e Castañer, M., *Jocs i esports populars al Pallars*, Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1984.
- Casady, R. e Liba, M., *Bolicho*, Madrid: Octavio Colmenares, sd.
- Conesa, M., “Rito de paso en Ribagorza: las «Birlas», juego practicado por mujeres”, *Comentarios d'Antropologia Cultural*, nº1, 5, Universitat de Barcelona, 1984.
- Constitution, Rules and History*, Belfast: Down District Skittles Association, 1986.
- Costa, L., “Jogos poveiros”, in *Actas do Colóquio «Santos Graça» de Etnografia Marítima*, Março, 1984.
- Crespo, J., *A História do Corpo*, Lisboa: Editorial Difel, 1990.
- Dias, J., *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*, Lisboa: Ed. Presença.
- Dória, A., *Dicionário de Francês-Português*, 6ª ed., Porto: Educação Nacional, sd.
- Drumond, L., *Jogos Populares. Estudo do Folclore Terceirense*, Angra: Tipografia Andrade, 1963.
- Eira, A., “O Jogo da bola em Quintã, freguesia do concelho de Vila Real”, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto: Faculdade de Ciências do Porto, 1983.
- Garcia, T. *Para jugar como jugábamos*, Salamanca: CCT, 1991.
- Guedes, G. e Augusto, M. (Org), *Actas do 1º Encontro Nacional do Jogo da Malha (...)*, C. M. de Oliveira de Azeméis, 1993.
- Índias, G., “Jogo, sociabilidade e Cultura: O ritual da Laranjinha em Lisboa”, In Fernando Oliveira Batista et al. (coord.), *Estudos de Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa: CEF/INIC, 1989.
- Jespers, J. et al., *Sport+ De Gangmaker*, Brusel : Vlaamse Gemeenschap, Bloso, 1982.
- Jeux traditionels, Règlement des Jeux Béarnais*, Pau, 1984.
- Larrazábal, M., “A figura e a formação do animador sociocultural”, in J. Trilla (Coord.), *Animação Sociocultural: teoria, programas e âmbitos*, Lisboa: Instituto Piaget, 2004, pp. 123-134.
- Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*, Porto: Lello & Irmão, sd, Vol. II.
- Lopes, C. (Rec.), *Levantamento de Jogos Tradicionais do Distrito de Coimbra*, doc. policop., sd.
- Los deportes autóctonos de Castilla y León*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 1985.

- Marques, P., *Terras de Algodres (Concelho de Fornos)*, Reedição facsim., Câmara Municipal de Fornos de Algodres, 1988.
- Mahlo, I., *L'acte tactique en jeu*, Paris: Vigot Frères, 1974.
- Martin, F., *Juegos y deportes autóctonos*, Salamanca: CCT, 1991.
- Martinho, A., *O Pastoreio e o Queijo da Serra*, Lisboa: S.N.P.R.P.P., 1978.
- Melgar, G. (Coord.), *Reglamentos de los deportes autóctonos de Castilla y León*, Zamora: Federación Regional de Deportes Autóctonos de Castilla y León, 1991.
- Palos, C., *Juegos y deportes tradicionales en España*, Madrid: Alianza Editorial e Consejo Superior de Deportes, 1992.
- Palos, C., Mata, D. e Gómez, J., *Aspectos recreativos de los juegos y deportes tradicionales en España*, Madrid: Gynnos Editorial, 1993.
- Parlebas, P., *Contribution à un lexique commenté en science de l'action motrice*, Paris, INSEP, 1981.
- Pombo, A., *Contributo de alguns Jogos do Nordeste Transmontano*. comun. apres. ao I Seminário Europeu de Jogos Tradicionais, Vila Real, 7-10 Nov. 1988.
- Recolha de Jogos Tradicionais do Distrito de Castelo Branco*, DGD, Castelo Branco, 1984.
- R. Renson e H. Smulders, *Jogos tradicionais da Flandres*, comunicação apresentada no II Estágio Alternativo Europeu de Jogos Tradicionais, IND/DGD, Lamego, 1982.
- Serra, M., *Os Jogos Tradicionais em Portugal. As relações entre as práticas lúdicas e as ocupações agrícolas e pastoris*, Tese de Doutoramento, Vila Real: UTAD, Vol. II, não publicado, 1999.
- Roca, V., "O jogo dos paus em Carrazedo (Bragança)", *Boletim da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto: F.C., 1985.
- Rodrigues, A., "O Problema Lusitano", *Separata de Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, 1962.
- Serra, C., Martins, H. e Veiga, P., "A Pelota e os jogos de bola à parede", *Revista Horizonte*, Vol. IV, nº 23, 1988, pp. 170-175.
- Serra, C. e Veiga, P., *Alguns Jogos Tradicionais da Beira Interior*, comunic. apres. no II Seminário Alternativo Europeu de Jogos Tradicionais e Desportos Tradicionais, doc. polic., DGD/IND, Lamego, 1982.
- Silva, C. e Morais, M., *Jogos tradicionais portugueses*, Lisboa: MEN/DGEP, 1967.
- Simri, U., "A função religiosa e mágica dos jogos de bola nas várias culturas", *Educação e Movimento*, nº 18, Abr/Jun, Moçambique, 1973
- Soares, A. et al., *Jogos Tradicionais do Ribatejo*, Santarém: C. O. dos 1.º JT do Ribatejo, 1980.
- Sousa, T., *Actividades Lúdicas na Serra do Alvão. Análise e classificação segundo Roger Caillois*, Tese de Mestrado, Lisboa: UTL/ISFF, 1986.
- Tremaud, H., *Les français jouent aux quilles*, Paris: G. P. Maisonneuve & Larose, 1964.
- Viterbo, Frei J., *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Porto: Livraria Civilização (reed., 2ª reimpr.), Vol. II, 1993.
- Vicién, L., *Juegos Aragoneses. Historia y Tradiciones*; Zaragoza: Mira Editores, S. A.